

SOCIALIZAÇÃO E DISCUSSÃO NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO A PARTIR DO REPERTÓRIO SOCIOCULTURAL DOS ESTUDANTES¹

Dávylly Maria Morais de Moura²

Hellen Evelyen Bezerra de Castro³

Dra. Suellen Fernandes dos Santos⁴

RESUMO

A diversidade das experiências e a pluralidade em sala de aula é fundamental para um processo de ensino e aprendizagem inclusivo. Assim, este trabalho traz um relato de experiência de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) com estudantes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) de terceiro ano de uma escola estadual de ensino médio. Nesse sentido, após o relato sobre a pouca participação desses discentes nas aulas de redação, feito pela pedagoga responsável pelo AEE, objetivamos propiciar participação e interação desses alunos pautadas em aulas de escrita no Laboratório de Redação para o AEE. Como aporte teórico, baseamos nas reflexões de Freire (2017), mediante o processo de ensino e aprendizagem. Também, utilizamos as contribuições de George Snyders em sua obra *A Alegria na Escola* (1988), tendo em vista suas abordagens acerca da permanência escolar. Nessa lógica, levamos atividades de escrita com construção coletiva de textos para os estudantes com deficiência ou transtorno de aprendizagem, e pedimos para que eles compartilhassem oralmente seus repertórios em relação ao tema abordado, o que gerou uma interação significativa entre os pares quando os conhecimentos de mundo eram similares ou divergentes. A partir dessa proposta, notamos que os discentes começaram a incluir repertórios em seus textos e relacionaram temáticas como saneamento básico, desemprego e capacitismo com os filmes "Tartarugas Ninja", "Pokémon" e "O Demolidor" respectivamente. Embora o desenvolvimento do processo de escrita dos discentes ainda esteja em andamento, os dados parciais indicam que o laboratório destinado aos alunos do AEE contribuiu significativamente para a socialização destes e para as discussões de ideias a partir dos seus conhecimentos em comum ou não. Este processo analítico contribuiu para o nosso desenvolvimento educacional como pesquisadoras e como futuras docentes, haja vista o contato com a sala de aula, com o ensino de redação e com o Atendimento Educacional Especializado, no qual percebemos que necessita de mais apoio pedagógico.

Palavras-chave: Socialização, Repertórios Socioculturais, Inclusão, Ensino de escrita.

1 O presente artigo é resultado do projeto de ensino Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, financiado pela CAPES.

2 davyllyammoura@gmail.com é aluna da Universidade Federal do Ceará.

3 hellencastro@alu.ufc.br é aluna da Universidade Federal do Ceará.

4 suellen.sfs9@gmail.com é professora de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE) e supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Ceará (UFC).





INTRODUÇÃO

Mediante as DCNEM/2018 (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio 2018), os estudantes do ensino médio devem contemplar os estudos e práticas da Língua Portuguesa. Nesse processo de ensino da Língua Portuguesa e suas tecnologias, é essencial considerar a diversidade em sala e, com isso, tornar a aprendizagem inclusiva a todos os alunos, levando em consideração as deficiências físicas e psíquicas.

Em função desse processo de inclusão, desenvolver um laboratório de acolhimento para os alunos voltado para o ensino de redação é importante para complementar a aprendizagem e a interação, tornando o ensino transformador (Freire, 1996) e contribuindo com a alegria no aprendizado e valorização da socialização e do cenário escolar para todos, tendo em vista que “A escola imprime sua marca particular sobre uma parte da vida e da cultura do jovem: ela se dá como tarefa o encontro com o genial- e o máximo de sua ambição é que ela quer este encontro para todos.” (Snyders, 1988).

Neste sentido, analisamos, por intermédio das experiências adquiridas no laboratório de redação destinado aos alunos do terceiro ano do ensino médio do Atendimento Educacional Especializado (AEE) de uma escola pública, a interação e acolhimento entre os estudantes no processo de aprendizado da Língua Portuguesa e práticas de escrita, em especial, por razão dos diálogos temáticos entre as pesquisadoras e estudantes.

Para a apresentação do relato de experiência, este artigo foi dividido em 4 etapas, a saber: Freire e Snyders: pedagogia e alegria, laboratório de redação e socialização e cultura.

FREIRE E SNYDERS: PEDAGOGIA E ALEGRIA

O presente relato de experiência tem como objetivo analisar o processo de interação dos alunos do Atendimento Educacional Especializado (AEE), tanto na relação estabelecida com as pesquisadoras quanto nas interações entre os próprios discentes. Para embasar a discussão, o referencial teórico adotado fundamenta-se em dois autores de reconhecida relevância em suas





respectivas áreas: Paulo Freire (1921-1997), educador e filósofo brasileiro, e Georges Snyders (1917-2011), pesquisador atrelado à educação e pedagogia.

Paulo Freire é um dos pensadores brasileiros mais reconhecidos através da sua teoria da Pedagogia Transformadora. Para o escritor, a educação deve ser baseada no diálogo frequente entre educador e educando, assim, ação e reflexão atuam juntas para uma ampliação do fazer escrito para a compreensão crítica e à análise que inclui as experiências subjetivas e histórico-culturais. Nessa lógica, a leitura de mundo não é apenas uma experiência do real ou experiência de vida, mas uma compreensão que antecede e é intrinsecamente ligada à leitura da palavra. Por isso, por meio da aplicação de um Laboratório de Redação para os estudantes do terceiro ano do ensino médio do Atendimento Especializado contribui com o processo de interação, tendo em vista o estímulo crítico que é fomentado em discussões temáticas, textuais e até de repertórios de mundo, gerando o diálogo e a responsividade destes.

George Snyders foi um filósofo francês e marxista no qual se dedicou à filosofia da educação, à reflexão sobre o papel da escola e a experiência dos alunos no contexto da cultura. Suas teorias são de muita relevância para o atual estudo, tendo em vista seu foco na experiência cultural e satisfação do estudante, fatores essenciais para o laboratório acontecer de modo satisfatório para os estudantes.

Freire (2004) trabalha em seus textos a importância de uma educação que priorize a autonomia do educando e o diálogo constante para a compreensão da realidade do aluno. Cenário este, também, analisado por George Snyders (1988), tendo em vista que ele aborda sobre a necessidade de conciliar o âmbito intelectual com o afetivo, tendo em vista que é um fator necessário para se obter alegria na escola. Acerca dessa importância de entender o ambiente escolar como um espaço de acontecimentos de vida e não apenas momentos intelectuais, Freire (2017, p.9) ressalta :

Se o tempo da escola é um tempo de enfado em que o educador e educadora e educandos vivem os segundos, os minutos, os quartos de hora à espera de que a monotonia termine a fim de que partam risonhos para a vida lá fora, a tristeza da escola termina por deteriorar a alegria de viver.





Na mesma perspectiva de Freire (2017), Snyders (1988) discute a função da instituição escolar, ressaltando que a alegria deve ser um elemento essencial de seu ambiente formativo. O autor atribui à escola o duplo papel de preparar o adolescente para a vida adulta e de promover vivências de satisfação no contexto educativo, enfatizando a relevância das interações estabelecidas entre discentes, docentes e obras-primas, de modo que o processo de aprendizagem se concretize por meio dos vínculos interpessoais.

Na escola, trata-se de conhecer alegrias diferentes que as da vida diária; coisas que sacodem, interpelam, a partir do que os alunos mudarão algo em sua vida, darão um novo sentido a ela, darão um sentido a sua vida. Se é preciso entrar na classe, é porque, no pátio, vocês não atingem o grau mais elevado de liberdade, nem de alegria. (Snyders, 1988, p. 14)

Por isso, a escola deve colaborar com este processo formativo do estudante apresentando-os o cenário estudantil como um processo necessário e de satisfação para o desenvolvimento.

LABORATÓRIO DE REDAÇÃO

Antes de pensarmos no projeto desenvolvido na Escola de Ensino Médio Aduauto Bezerra, onde atuamos por meio do PIBID, realizamos observações de aulas, da dinâmica escolar e também entramos em contato com a psicopedagoga que atua na Sala de Recursos Multifuncional (SRM). Essas observações foram essenciais para identificarmos as necessidades da escola e planejarmos um projeto que dialogasse com sua realidade. Nesse processo percebemos uma demanda em relação à prática da escrita dos alunos atendidos pela SRM.

Com o apoio da psicopedagoga e da professora supervisora do PIBID, conseguimos localizar as principais dificuldades desses estudantes, sobretudo os do 3º ano, que se preparavam para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e necessitavam de recursos adaptados para o desenvolvimento da escrita. Outra dificuldade evidente foi a socialização, ainda bastante restrita entre os alunos. Além disso, nós bolsistas, também não possuíamos experiência prévia no ensino voltado ao Atendimento Educacional Especializado (AEE).





A partir dessa experiência e dos dados fornecidos pela psicopedagoga, planejamos o projeto de forma a favorecer tanto o nosso desenvolvimento quanto o dos estudantes, assim

organizamos o trabalho em três fases: a primeira fase foi uma etapa de exploração voltada à identificação das principais dificuldades de socialização e escrita, a segunda fase correspondeu à utilização de repertórios socioculturais na redação do ENEM trabalhados por meio de rodas de conversa e produção de redações coletivas e a terceira fase teve como foco a escrita individual já com o uso dos repertórios discutidos anteriormente, priorizando também a socialização promovida pelas trocas durante os debates e reflexões sobre os temas de redação.

A etapa inicial consistiu em um período de diagnóstico e observação. Nesse momento, ocorreu a apresentação do Laboratório de Acolhimento e das estudantes bolsistas. Percebemos que os alunos apresentavam dificuldades de interação entre si e também com as professoras bolsistas. Foram realizadas diversas conversas e debates para compreender quais repertórios socioculturais os estudantes consumiam, por meio de perguntas norteadoras, como: “Vocês utilizam repertórios socioculturais na redação do ENEM?” e “Que tipo de repertório costumam usar?”. A partir dessas discussões, percebemos que os alunos tinham dificuldades de interação social, sendo mais participativos apenas quando falavam sobre seus próprios repertórios de mundo. Na segunda fase, ocorreram discussões sobre os repertórios que os estudantes consumiam e sobre como relacioná-los à redação do ENEM. Nesse momento, foram promovidos debates, rodas de conversa e momentos de socialização. O foco dessa etapa foi a valorização do repertório de mundo dos estudantes. Também foi desenvolvido um estudo personalizado, com grupos de, no máximo, três alunos, de acordo com as especificidades de cada um, por meio de escritas coletivas e transcrição das redações produzidas pelos alunos.

Na terceira fase, o foco principal foi a escrita. Esse foi o momento em que os estudantes produziram redações dissertativo-argumentativas a partir dos repertórios de mundo estudados nas rodas de conversa e debates das aulas anteriores, de modo que pudessem articular suas vivências e saberes socioculturais com a produção textual.

Além disso, durante os momentos de aplicação, o projeto era constantemente revisado e replanejado para se adaptar à realidade dos estudantes e da escola. Como exemplo, alguns





alunos, devido às suas condições específicas, faltavam aos encontros, o que tornava necessário um replanejamento para melhor auxiliá-los.

SOCIALIZAÇÃO E CULTURA

Para a análise de dados desta experiência, foram consideradas as intervenções com os estudantes do Laboratório de Redação e Acolhimento do Atendimento Educacional Especializado, projeto realizado no Programa de Iniciação à Docência, especificamente no que diz respeito à socialização entre os alunos atendidos e à experiência docente das bolsistas que idealizaram e aplicaram o projeto na escola com o apoio da professora supervisora.

Na avaliação da socialização dos alunos, observou-se que, no período inicial, muitos apresentavam dificuldades de interação devido às suas especificidades, à timidez e à falta de contato com outros colegas. Percebemos, no início do projeto, que um aluno apenas respondia às perguntas quando diretamente questionado, evidenciando baixo nível de socialização. Outros estudantes não dialogavam muito conosco, professoras no projeto, e socializavam mais entre si. Embora alguns não tenham demonstrado dificuldades de socialização, observamos que a maioria apresentava dificuldades nesse aspecto. Essas percepções foram consideradas nos diálogos com a professora supervisora e com a pedagoga da escola que é responsável pela sala do AEE, por isso planejamos também intervenções que buscassem melhorar essas interações.

Com o avanço do projeto, especialmente após as fases iniciais, quando foram trabalhados repertórios em sala, os alunos começaram a socializar mais, tanto entre si quanto com as professoras. As propostas e discussões baseadas em repertórios culturais contribuíram para esse processo. Assim, o projeto mostrou-se fundamental não apenas para o desenvolvimento da escrita do texto dissertativo-argumentativo, mas também para a melhoria da socialização. Como exemplo, em uma ação cujo tema de redação foi "O desemprego entre os jovens no Brasil: como enfrentar esse desafio?", uma aluna relatou suas dificuldades em conseguir trabalho devido à sua condição de pessoa com deficiência. A partir disso, a turma



discutiu questões relacionadas aos repertórios culturais de cada estudante, enriquecendo ainda mais as trocas.

A partir da terceira fase do projeto, observamos um aumento significativo no nível de interação dos alunos em comparação às etapas anteriores. As discussões sobre os repertórios de mundo e os debates realizados anteriormente possibilitaram que os estudantes relacionassem suas vivências à escrita dissertativo-argumentativa exigida pelo ENEM. Dessa forma, percebemos que a interação e a socialização dos alunos se expandiram não apenas no campo da escrita, mas também nas relações entre os colegas. Observamos, nesses momentos, a importância da escola ser também espaço de afeto e socialização, como ressaltam Snyders (1988) e Freire (1994), sobretudo no AEE. Além disso, percebemos que a aprendizagem desses estudantes pode ser mais significativa ao associarmos momentos de interação e diálogo entre eles e entre as professoras. Como destaca Freire (2004, p.37) “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria.”

Observamos, por exemplo, um estudante que, na fase inicial, demonstrava pouca participação nas atividades coletivas e apresentava dificuldades de socialização. No entanto, ao longo do processo, passou a interagir de maneira mais participativa e utilizar seus repertórios e conhecimentos de mundo nas produções escritas desenvolvidas no laboratório. Entre os repertórios utilizados, destacaram-se referências como os animes Pokémon e o desenho animado As Tartarugas Ninja, inseridas de forma crítica em suas redações.

Além da experiência vivenciada pelos alunos, o projeto também contribuiu para o desenvolvimento docente das bolsistas, que puderam aprimorar habilidades como o enfrentamento de dificuldades, o planejamento de aulas e a prática do ensino voltado para pessoas com deficiência, contando com o apoio do Atendimento Educacional Especializado e





da Sala de Recursos Multifuncionais disponibilizada pela escola. Portanto, a experiência docente foi de grande aprendizado e crescimento profissional.

CONCLUSÃO

O presente relato de experiência possibilitou refletir sobre a importância de práticas pedagógicas inclusivas no ensino da Língua Portuguesa, especialmente no contexto do Atendimento Educacional Especializado (AEE) para o processo de socialização dos estudantes.

As vivências no laboratório de redação revelaram que a aprendizagem torna-se mais significativa quando há espaço para o diálogo, a escuta e o acolhimento, princípios que se alinham às concepções freireanas de uma educação libertadora e à defesa de Snyders pela presença da alegria no ambiente escolar.

A interação entre estudantes e pesquisadoras demonstrou que o processo educativo ultrapassa a mera transmissão de conteúdos normativos, constituindo-se como uma via de mão dupla em que todos os envolvidos constroem saberes a partir das trocas interpessoais. Nesse sentido, as pesquisadoras, por meio das experiências adquiridas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), ampliaram sua compreensão sobre os desafios e potencialidades da prática docente, desenvolvendo um olhar mais sensível, reflexivo e humanizado acerca da diversidade presente na sala de aula e metodologias acolhedoras e inclusivas.

Portanto, as experiências relatadas enfatizam a relevância de projetos formativos como o PIBID na formação inicial de professores, por favorecerem o entrelaçamento entre teoria e prática e promoverem uma educação pautada no respeito, na inclusão e na alegria de aprender e ensinar. Sobretudo, é necessário ressaltarmos o quanto o afeto entre pesquisadoras e estudantes colaborou com este processo, tendo em vista que mesmo com bloqueios sociais por parte dos alunos, houveram diálogos, acessibilidade e abraços de agradecimento no desfecho do semestre e do projeto.

AGRADECIMENTOS





Agradecemos ao verbo de Deus, princípio e fim de todas as coisas, cujo amor delimita com perfeição cada passo de nossa caminhada, à CAPES pelo financiamento, às nossas famílias pela torcida e provisão, a Universidade Federal do Ceará pelo programa, à orientadora Pollyanne Bicalho, à professora doutora Suellen Fernandes, nossa supervisora e a professora Mariza que tanto colabora com o nosso desenvolvimento no AEE.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

SNYDERS, George. **A Alegria na Escola**. São Paulo: Manole LTDA, 1988.

